



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1415

## **O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ PENSANDO? OS DISCURSOS AOS JOVENS PROTESTANTES ACADÊMICOS (1968-1990).**

Natan Alves David<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista CAPES

Esta proposta de trabalho visa contemplar as apropriações de sentidos das juventudes das denominações de ordem protestante no Brasil. A partir de análise dos periódicos oficiais destas instituições, como revistas de juventude e jornais oficiais das instituições contempladas, pretende-se compreender de que modo os jovens protestantes das denominações cristãs em foco, formaram e repensaram as práticas dos grupos. Mediante os múltiplos contextos históricos do Brasil, dos anos de 1964 a 1992, tenciona-se conhecer sob quais formas os “discursos vindos do alto”, a saber, o posicionamento ideológico das instituições de juventude, puderam ser interpretados e apropriados pelos moços protestantes. Pretende-se averiguar as permanências e as flutuações de ações da juventude, nas tensões entre a forma sacralizante da realidade proposta pela religião e a sociedade dita “*secular*”.

Palavras Chave: JUVENTUDE CRISTÃ, JUVENTUDE ACADEMICA, JOVENS PROTESTANTES.

---

<sup>1</sup> Natan Alves David é mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina.

Empreender uma análise sobre juventudes têm-se revelado uma potencialidade um tanto quanto estimulante. Uma parcela da vida humana em que se encontra um conjunto de ideários tão significativos e intensos, terrenos instáveis e transitórios, aos quais se anseiam aspirações vindouras ao choque com sentidos do presente, demonstrando toda a incompletude e audácia da sua volatilidade. Ser jovem é viver intensamente esta transitoriedade, é saborear com todos os paladares as múltiplas vivências que inflam e transbordam as experiências, é despertar para um horizonte tão múltiplo, e tão real, que as perspectivas e possibilidades se aumentam a uma progressão aparentemente infinita. Os valores apropriados, os comportamentos, as visões de mundo, as crenças, a sexualidade, interesses, os sonhos e necessidades singulares tramitam em uma efusão de construção de identidades que necessitam serem observadas com atenção.

Em virtude desta aparente infinidade de anseios, analisar e compreender a juventude, e como fruto desta percepção a juventude protestante em específico, tende a revelar possibilidades e problemáticas um tanto quanto características. O propósito deste trabalho compreende juventude como um estágio da vida humana, uma fase cronológica, contudo não estratificada somente a um recorte temporal<sup>2</sup>.

Compreende-se a apropriação subjetiva do que é ser jovem, e, a juventude torna-se um momento, uma parcela da vida humana que compreende processos identitários e de significação próprios<sup>3</sup>.

Entretanto, quando se coloca em voga a análise dos jovens pertencentes às igrejas protestantes históricas no Brasil<sup>4</sup>, pode-se apontar que as percepções de identidade tornam-se cada vez mais densas, e, os processos de produção de sentido de uma realidade vão se tornar uma prática cada vez mais intensa. Desta forma cabe questionar: Como esta apropriação de sentidos

---

<sup>2</sup> De acordo com um dos grupos analisados, a definição de juventude passa por este crivo: “jovens entre 16 e 35 anos são aqueles com os quais a JUMOC (Junta de Mocidade Batista) foi colocada para trabalhar. Nota-se que jovem não quer dizer solteiro, nem o termo adulto quer dizer casado. A determinação é mais por condições afins entre os diversos tipos humanos e psicológicos.” Ver: JUMOC. *Revista Mocidade Batista*. Ano 51, número 01. Primeiro Trimestre de 1969. p.22.

<sup>3</sup> Não há neste primeiro momento o intento de adensar um estudo teórico-crítico sobre juventudes. Esta construção encontra-se em processo e o que sustenta o escopo desta percepção até o presente é a formação de múltiplas identidades juvenis e distintas formas de apropriação e formação de subjetividades.

<sup>4</sup> Neste caso em específico, tratamos como igrejas protestantes históricas àquelas ligadas aos movimentos pós Reforma Protestante no século XVI, a saber, os Luteranos, Presbiterianos e Batistas. Devido à abordagem e fontes, neste ensaio são abordadas instituições de ordem Batista e Presbiteriana.

abriu espaço para a formação de identidades religiosas? Quais influências sociais os jovens protestantes acabavam por produzir em seu meio *secular*, seja na universidade, no trabalho, nos espaços aos quais frequentavam? Sob quais formas as organizações de juventudes protestantes mediavam um discurso institucional que tencionava formalizar novas práticas sociais e construções de visões de mundo?

Algumas destas questões podem buscar suas respectivas soluções, se com o cuidado e as atenções devidas, nos periódicos institucionais das juventudes arroladas às instituições das igrejas protestantes históricas.

Desde a chegada dos cristãos protestantes no Brasil, na segunda metade do século XIX<sup>5</sup>, as parcelas jovens destes grupos, em forma das distintas denominações, estiveram presentes nos movimentos de estruturação das igrejas no país. Ao buscar uma presença efetiva nas denominações históricas, em análise os batistas e presbiterianos, os jovens, a partir do século XX, organizaram-se em micro instituições, ao qual se norteava suas atividades e seus pensamentos.

São os casos da União de Mocidade Batista, fundada em 1907 e da Confederação da Mocidade Presbiteriana, organizada quando da realização do Primeiro Congresso Nacional da Mocidade Presbiteriana, em 1946<sup>6</sup>. Estas instituições tinham por finalidade compreender a juventude e adequar em seus programas noções de instrução para uma vida regrada a partir dos pressupostos da denominação religiosa<sup>7</sup>. Estas instituições protestantes no Brasil, com trabalhos específicos e voltados para a juventude, produziram ao longo do século XX revistas, jornais, atas e anais que evidenciavam o pensamento jovem dos grupos protestantes. Assim, a partir destes documentos oficiais, que são porta voz do pensamento das denominações, se percebe discursos múltiplos de líderes e sujeitos influentes, como também a veiculação

---

<sup>5</sup> A partir da segunda metade do século XIX, foi permeado no país o protestantismo missionário, sendo as denominações presentes no país: Missão Presbiteriana (1867); Missão Metodista Episcopal (1871), Missão Batista (1871/1882) e Missão Episcopal (1890). Ver: EMILE, Léonard. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: ASTE, 2002.

<sup>6</sup> Ambas instituições eram administradas por adultos, e não pela própria juventude.

<sup>7</sup> A abordagem concentra-se na linguagem institucional. Não se isenta a percepção que haveria possibilidades de as juventudes estarem ligadas a inúmeras atividades em suas igrejas locais, e em alguns casos, até modificando a estrutura regional, como é o caso da inserção de instrumentos musicais, vestimentas e críticas sociais nas igrejas tradicionais. Ver: SILVA, Helerson. *Breve história dos movimentos de juventude protestante mundial*. IN: SILVA, Helerson; MOURA, Enos; MORAES, Monica. *Faço parte desta história*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2002.

de ensinamentos doutrinários de preparação para o relacionamento com os variados meios sociais e culturais.

As juventudes protestantes eram condicionadas a orientações locais, aconselhamento e instruções, recebidas por líderes e pastores nas respectivas igrejas às quais pertenciam. Entretanto a partir da década de 1960, se intensifica uma quantidade significativa de publicações voltada *para* os jovens, e outra parcela produzida *pelos* jovens.

No caso dos batistas, os moços buscaram desde o ano de 1956, formar uma organização própria, autônoma, livre de pensamento, porém não independente da Convenção Batista Brasileira, que é o órgão maior dos batistas brasileiros<sup>8</sup>. Em assembleias anuais, defenderam a proposta de uma Junta de Mocidade, fato que se concretizou a partir do ano de 1968, e a partir de, os jovens batistas começaram a dispor de um material de instrução próprios, como as revistas *mocidade batista*, *campus* e *casal feliz*. Em diferentes condições, os moços e moças<sup>9</sup> presbiterianos tiveram sua Confederação Nacional da Mocidade destituída, no ano de 1960. Uma ala da Igreja Presbiteriana do Brasil, com posicionamento conservador, promoveu um debate no *Supremo Concílio* – reunião maior dos líderes presbiterianos – e julgaram que “em quase toda a parte há quebra do princípio presbiteriano”<sup>10</sup>, promovendo a dissolução dos trabalhos de mocidade.

As atividades não mais foram dirigidas pelos jovens, inclusive com a extinção do periódico *Mocidade Presbiteriana em Revista*, ocasionando assim, na troca de comando para autoridades eclesiásticas presbiterianas, que passaram a elaborar discursos *para* jovens. Inclusive, a partir de 1966, houve um processo de reestruturação para o trabalho de publicações periódicas aos moços, com o início do suplemento *mocidade*, nos encartes do jornal Brasil Presbiteriano.

---

<sup>8</sup> Durante as décadas de 1950 e 1960 houve uma quantidade considerável de debates sobre a criação de um órgão que coordenasse as ações da juventude batista. Os jovens desejavam uma instituição própria, portanto autônoma em seus trabalhos, mas arrolada à Convenção Batista Brasileira, logo, não totalmente independente.

<sup>9</sup> Para os grupos abordados, os termos *mocidade*, *moços*, *moças* e *juventude* podem ser considerados como sinônimos. Amplamente utilizam o termo *moços*, trazendo sob este conceito, homens e mulheres.

<sup>10</sup> Brasil Presbiteriano, fevereiro de 1961, p.4. *Apud*. SILVA, Helerson. *Breve história dos movimentos de juventude protestante mundial*. IN: SILVA, Helerson; MOURA, Enos; MORAES, Monica. *Faço parte desta história*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2002. p.55.

Estas modificações não se dão ao acaso. Nesta década em específico, ocorreu o que se pôde chamar de *década juvenil*, em que a juventude passou a ser enxergada não mais como uma fase sem tanta significância, e sim, reconhecida como um grupo que deseja ter voz. Nos anos de 1960, em diversos países do globo, juventudes de uma maneira em geral organizaram-se e protagonizaram movimentos que marcaram significativamente uma geração. Seja pelas juventudes estudantis na Paris de 1968, seja pelos jovens pacifistas estadunidenses militando contra a guerra do Vietnã ou os movimentos culturais como o rock e os *hippies*, os jovens assumiram um papel de um *agente político*, pois suas aparências não mais figuravam como um estrato social, ou um grupo estudantil, eles agora figuravam nas cenas políticas, gerenciavam e revolucionavam práticas culturais, abalavam estruturas historicamente estabelecidas, tornando visível a presença de um *poder jovem*<sup>11</sup>.

Este poder jovem começava a ser percebido ainda, nas décadas de 1950. Os posicionamentos e as formas críticas e contestadoras que muitas coletividades passaram a assumir ao redor do mundo, pôde revelar que estes começavam a assumir comportamentos, defesas de ideais e a construção de uma visão de mundo em que não eram apenas um grupo de pessoas de tenra idade, mas sim uma massa que passava a compreender que possuía condições de criticar e assumir papéis diferentes dos quais os eram impostos.

Ao que se indicam através de diversas fontes, as igrejas protestantes brasileiras, buscavam alertar suas juventudes, como também as lideranças pastorais, sobre o perigo dessa juventude revolucionária, uma juventude *perigosa* por trazer elementos distintos das práticas costumeiras, talvez pelo medo de uma rebelião juvenil, comumente rememorada dada às imagens constantes de manifestações juvenis nas revistas, no rádio, como também na televisão que se tornara objeto de massificação de ideário.

Talvez por este receio, as igrejas colocaram-se preocupadas com suas juventudes, e acabaram por estabelecer uma relação com intento de formar uma nova mentalidade, em busca primeiramente da compreensão deste contexto energético da juventude nos anos de 1960, como também, pela necessidade da forjar na juventude cristã um conjunto de sentidos instruindo

---

<sup>11</sup> Ver: POERNER, Artur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

como agir e nas formas de influenciar a sociedade secular com as práticas cristãs.

A revista mocidade batista, ainda em 1966, chamava atenção para este norte:

Nós vivemos em um mundo de mudanças. Mudanças de formas, de conceitos, de valores. Estas se processam rapidamente, desafiando-nos dia a dia, no confronto da existência. Somos tentados a abraçar ideologias novas, rompendo radicalmente com o passado; somos tentados a repudiar novas correntes de pensamento, por nos agarrarmos desesperadamente à herança do passado [...] o mundo precisa de nós. Não menos verdade é que Deus precisa de nós. Ele precisa de jovens destemidos e corajosos para interpretar sua vontade ao homem contemporâneo. Para isso, é preciso muita coragem, pois não é fácil emitir conceitos em tempos de mudança. Muito mais difícil emití-los em nome de Deus. [...] somente imbuídos pela coragem poderemos enfrentar as mudanças de nossa época e dar nossa contribuição de cristãos. Esta é a maior necessidade da época moderna: que os cristãos seja despertados a dar sua contribuição para o progresso ético, religioso, social e científico da humanidade. É uma responsabilidade que pesa principalmente sobre os ombros de nós, os jovens. Temos o vigor, o entusiasmo, a energia, necessários a luta. E na vida – segundo Unamuno, filósofo espanhol – todas as coisas são feitas em meio a luta. Como jovens, gostamos de progresso, de mudanças, de ideias novas. Não devemos nos apaixonar por uma ideologia, entretanto, apenas pelo aspecto novidade. É preciso que julguemos com a respeito da conveniência ou não de a adotarmos; mister se faz que verifiquemos os seus fundamentos a luz da Revelação Cristã.<sup>12</sup>

Acerca desta preocupação com a vida reta e as medidas de influencia das esferas sociais, o jornal Brasil Presbiteriano revela uma preocupação com sua mocidade:

Os moços presbiterianos se preocupam com aspectos diversos da vida cristã. Percebe-se de todos os congressos, que as novas gerações presbiterianas, sentindo-se parte integrante da vida nacional, tentam acertar com os métodos de ser evangélicos – nesta hora; neste país. Querem viver a vida de seu povo, de sua nação, de seu século – e viver essa vida em termos de ação cristã e testemunho cristão. Nota-se também, a intensa lealdade dos moços presbiterianos a Cristo e a missão da igreja no mundo. Não são apostatas, e não são cismáticos: são leais e merecem confiança. Querem responsabilidades, e oferecem seu vigor, sua seriedade e também um pouco de irreverência para com o que lhes parece vazio (*sic.*) e conselheiral. Não haveria cabimento em suprimir-se (ou tentar suprimir) uma geração, na vida de nossa igreja. Os moços não são “o futuro da igreja”, eles são o presente. No futuro já não serão moços e serão substituídos por seus irmãos menores;. Nossa igreja nunca seria ela própria sem os moços; o barulho, os ideais, e o trabalho da mocidade. Graças a Deus que eles se reúnem novamente, e graças a Deus são leais<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> JUMOC. *Revista Mocidade Batista*. Ano 51, número 02. Segundo Trimestre de 1969. p.46.

<sup>13</sup> Jornal o Brasil presbiteriano. Ano VIII, número 11, novembro de 1966. p. 07.

Têm-se, a partir destas duas publicações, dois cenários envolvendo as juventudes protestantes em foco. Respeitando as ordens das publicações e os lugares de fala de ambos os periódicos, compreende-se uma irrestrita preocupação de valorização dos moços cristãos, e um convite a uma avaliação de seus procedimentos, a permanência na fé cristã, a lealdade à igreja e a Cristo, tornando-se a mostra a percepção de atuação de um *campo religioso*<sup>14</sup>. Através destas publicações, algumas perspectivas já podem ser sinalizadas a conceitos vinculados no ideário cristão, sendo parte da atuação do campo religioso: a visão soteriológica, o compromisso de salvaguarda da fé – a saber os padrões morais e éticos – e uma dimensão utópica do alcance do cristianismo em todas as esferas da sociedade.

Há uma ideia de trazer a juventude para o seio da igreja, e assim o faz valorizando-os, expondo suas virtudes, trazendo a luz de suas especificidades e condições de mobilização e influência. Ainda, pode-se pensar em um processo claro de produção e estabelecimento de sentido centrado na *ação* dos jovens cristãos. Que ação seria esta? Em quais meios ela estaria inserida? As juventudes, lidas a partir deste cenário emergente, com o *poder jovem* sendo percebido no meio secular, poderia ter suas ações orientadas de modo distinto?

Max Weber anuncia que “a ação como orientação compreensível pelo sentido do próprio comportamento sempre existe para nós unicamente na forma de comportamento de um ou vários indivíduos”<sup>15</sup>, logo, as ações de todos os indivíduos estão sempre balizadas por um sentido. Weber aponta que existem formas de determinar certas ações sociais, e que estas estão presentes um modo de racionalização, dentre as quais “ de modo racional referente a valores: pela crença consciente no valor – ético, estético, religioso ou qualquer que seja sua interpretação – absoluto e inerente a determinado comportamento como tal”<sup>16</sup>. A compreensão desta tomada de ação social

---

<sup>14</sup> Pode-se adensar muito esta perspectiva, e estipular novas projeções de análise. Contudo, dado a forma de produção deste trabalho, limita-se a perceber a existência de um *campo* em que surgem tensões, representações, distintas formas de organizações e normatizações. Ver: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

<sup>15</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 2004. p.08.

<sup>16</sup> Para Weber, as quatro formas são: “1) *de modo racional referente a fins*: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo externo e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como ‘condições’ ou ‘meios’ para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente, com

racional permite compreender uma lógica de valores, uma ação que é motivada no imaterial, no subjetivo, mas subjaz a uma tomada de decisão racional. Primariamente esta tomada é individual que reflete posteriormente no coletivo religioso e além na sociedade secular.

Esquemáticamente percebe-se uma equação ao qual a apropriação dos elementos do sagrado, somado a uma tomada de decisão, reconhecida entre os pares, resulta na defesa da fé mediante a um contexto desfavorável, a saber, a ascensão de novos costumes e práticas juvenis tratadas como *pecaminosas*. Torna-se possível encaminhar uma compreensão no sentido de que as juventudes protestantes estiveram imersas a um cenário de formação de um ideário, centrado no comportamento, na *ação social*, e a produção destes sentidos eram geridos sob tutelas de distintos agentes e agências.

Pastores, líderes, presbíteros, publicavam seus textos nas revistas de juventude e seus objetivos confluíam para um mesmo horizonte: o jovem cristão precisava viver em retidão, afastar-se de preceitos pecaminosos seculares, mas demonstrar um testemunho exemplar, e não se macular com os contextos juvenis de outros setores da sociedade. Em suma, deveria influenciar cada esfera ao qual se situava com sua ação social comportamental.

As revistas de juventude possuíram um papel fundamental nesta modelagem na forma de pensar dos moços, motivando-os a pensar em tópicos polêmicos e a questionar os próprios procedimentos quando a análise de algumas conjunturas e ações sociais.

Por que não escrevemos para as revistas e jornais protestando contra a lixarada que nos impõem? Muitos crentes enamoram o mundo. Consomem suas novelas e os padrões morais ali expostos. Deveriam protestar contra a ignomínia. Temos direito! [...] precisamos afirmar a nossa fé, levantando-a contra os padrões que a cultura presente nos empurra [...] precisamos compreender que a Bíblia é um livro de padrões e princípios [...] a mocidade batista está mais informada sobre os perigos da cultura demoníaca de nosso século e sobre a necessidade de santificação, do que os perigos da ameaça que apresento agora: a religiosidade artificial.<sup>17</sup>

---

sucesso; 2) *de modo racional referente a valores*: pela crença consciente no valor - ético, estético, religioso ou qualquer que seja sua interpretação - absoluto e inerente a determinado comportamento como tal, independente do resultado; 3) *de modo afetivo*, especialmente *emocional*: por afetos ou estados emocionais atuais; 4) *de modo tradicional*: por costume arraigado.” WEBER, Max. *Id.Ibid.* p.15. A influencia comportamental balizada até aqui apresenta-se com uma mescla entre os dois pontos iniciais.

<sup>17</sup>JUMOC. *Revista Mocidade Batista*. Ano 58, número 01. Primeiro Trimestre de 1977. P. 5-6.



Em outros cenários, a juventude era confrontada a analisar temas sociais tratados para época de sua produção como polêmicos:

Quero propor que você faça comigo uma análise séria desse tema. Ele não é novo. A própria Bíblia o registra desde tempos de Abraão e Lo. Mas é mister despir-se de preconceitos para fazê-lo com imparcialidade, livre do estigma que os rótulos geralmente impõem, num tempo em que a atitude comum é julgar assim: “todas as outras pessoas se quiserem estar certas, devem pensar, sentir e agir como eu”. Liberte-se de tudo isso, para juntos analisarmos nosso posicionamento como cristãos diante da questão do homossexualismo. Que tal parar de “brincar de cristão” e descer do aconchego, segurança e comodidade da vida entre irmãos, isolados nos templos, preocupados em demasia com a beleza de nossos cultos e a harmonia de nossas vozes? O nosso louvor e a nossa adoração não agradariam muito mais a Deus, se viéssemos sujos, mãos calejadas, vozes cansadas, por termos estado “lá embaixo” onde toxicômanos, meretrizes e homossexuais só têm uns aos outros para se consolarem? Se começarmos a fazer isso, o cristianismo será mais crido, pois será uma mensagem encarnada”<sup>18</sup>

Tais temáticas e abordagens revelam uma tentativa missionária de salvar a alma humana dos degredos ocasionados pelo pecado. Precisa-se compreender que cada discurso, construído pelo intento de modificação da sociedade e da realidade para além da esfera religiosa, respeita de certa forma uma ordenação. Ou seja, sejam em jornais, revistas, discursos políticos ou religiosos, não se pode apartar uma reflexão da sociedade que a produz e dos mecanismos sociais presentes na constituição da mensagem, pois ela se consolida sob processos históricos-sociais, sendo o discurso um objeto material, mas também histórico-social, que visa uma produção de sentido, neste caso em análise, essencialmente formado por elementos linguísticos. Assim, “a situação, o contexto histórico social, ideológico, ou seja, as condições de produção constituem o sentido da sequência verbal produzida. Não são meros complementos”<sup>19</sup>. Na perspectiva de Foucault (1972) “O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele não diz; e esse não-dito seria um vazio que mina, do interior, tudo que se diz”<sup>20</sup>.

Acerca deste contexto, que vai corroborar em toda a produção discursiva do grupo, há um conjunto de crenças, um aglomerado de significantes que serão fundamentais para entender postulações como a chamada de reflexão de diversas questões sociais. Para a juventude, sendo

<sup>18</sup> JUMOC. *Campus*. Ano VI, Número 40. 1992. p.26.

<sup>19</sup> ORLANDI, op. cit , p.18.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Lisboa: Vozes, 1972.

parte da coletividade protestante, há o desejo de participação no reino messiânico, e todo o ideário salvacionista, santificado, e até elementos como as “causas e ações do mal” e problemas como a teodiceia<sup>21</sup> vão estar presentes e aparecerão nos discursos para a juventude. Assim, a juventude presente em diversos meios e espaços, teve este ideário formado ao longo dos discursos provindos dos púlpitos e dos materiais de ensino.

A revista *Campus*, por exemplo, foi para os universitários batistas um importante veio de informações e formações destas opiniões relatadas. Ela foi distribuída no país durante a segunda metade da Ditadura Militar, passando pelo momento de reabertura política e o movimento das *Diretas Já*, movimentos políticos que irradiaram no Brasil um espírito patriótico – seja ligado ao militarismo, seja o anseio de uma democracia de direito – impregnando no país, principalmente aos jovens, e mais especificamente os universitários, um desejo por mudança em seu contexto político, educacional, social e cultural.

No primeiro ano de publicação da revista, a exemplo, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi cercada por militares, com ações detendo mais de mil estudantes arrolados ao Movimento Estudantil que realizavam um ato público nas imediações da instituição. O jornal *Folha de São Paulo* publicou no dia 28 de Agosto 1977 uma matéria narrando o fato, em que em um excerto se diz:

“O ato publico está proibido!”, disse o secretário. “Comícios, passeatas e qualquer tipo de ato publico estão proibidos. Todos serão presos e enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Não aceitamos desafios! Onde é que nós estamos?” Os manifestantes pretendiam festejar a reorganização da União Nacional dos Estudantes e criticar a ação policial que impediu a realização do II Encontro Nacional dos Estudantes, quarta feira, na USP. Às 21:50 de ontem, vinte minutos depois do início do ato, os estudantes liam a ata do II Encontro quando agentes do Deops e do batalhão de choque, que assistiam a tudo a distância, impediram o prosseguimento da manifestação. Cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo e efeito moral foram empregados pelos policiais. Estudantes correram para os três prédios da PUC, onde foram desalojados pela policia “<sup>22</sup>.

Ao analisar esta publicação, compreende-se que as ações de jovens no período universitário, sejam protestantes em geral, batistas ou não, católicos ou ateus, estavam sujeitos a um contexto político com severa retenção de

---

<sup>21</sup> Se insere na perspectiva de Gottfried Wilhelm Leibbniz, acerca da justificação de Deus frente ao mal.

<sup>22</sup> DEL PRIORE, Mary. (Org.). *Documentos da História do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997. p 122,123.

expressão durante a ditadura militar<sup>23</sup>. Durante este processo, principalmente a partir de 1968 com a publicação do AI-5, os jovens se tornaram possibilidade de desordem pública, a por isso deveriam ser reprimidos.

Aos anos que se vão desde a transição do regime ao processo de abertura para o novel sistema democrático do país, as juventudes estudantis, operárias, católicas e em diversos outros segmentos sociais no país, exerceram um papel importante na ramificação dos anseios de reforma política, e a mocidade protestante, em diversos cenários estavam configurados entre a paisagem juvenil do país. Estas coletividades, que mobilizavam uma parcela significativa nas grandes metrópoles, foram responsáveis por irradiar de dentro das universidades brasileiras diversos protestos pela mudança de suas ordens sociais vigentes.

Já em transição, durante o processo das *Diretas-Já*, movimento popular que clamava por eleições diretas no país, esta pressão contra manifestações públicas passa a se esvaír, ao passo que no ano de 1984, em São Paulo, cerca de 300 mil pessoas se reuniram aos arredores da Praça da Sé, clamando por mudanças políticas no país. “ ‘Perguntam aqui se há 300 ou 400 mil pessoas’ perguntou o governador Franco Montoro no discurso de encerramento do grande comício. ‘Mas a resposta é outra: aqui na praça estão presentes as esperanças de 130 milhões de brasileiros’.”<sup>24</sup>

Estes apontamentos, para não alongar nas descrições diretas, demonstram a diferenciação do sistema de pensamento político e presença social no país. Em um intervalo de sete anos, uma mudança mais do que significativa: se em 1977 mil estudantes da PUC-SP foram presos por manifestarem suas opiniões, em 1984 mais de 300 mil pessoas clamam por mudanças sociais, inclusive governadores estaduais. Esta assertiva permite apontar que as instituições que coordenavam ações com juventudes careciam da necessidade de planejar um sistema de ideário para suas coletividades, visando os orientar mediante a este múltiplo contexto político, econômico e social. Neste encaminhamento, as juventudes protestantes também buscaram construir uma forma de compreender seus contextos sociais. O anseio da

---

<sup>23</sup> O foco deste artigo não é fazer um estudo de caso da repressão. Neste cenário cabe engendrar uma breve contextualização que ratifique a necessidade das publicações da revista Campus.

<sup>24</sup> Id.Ibid. p. 124.

JUMOC por publicar uma revista com a finalidade de alcançar jovens universitários e debater estes pontos, partia da noção de formar dentro de sua juventude, pessoas capazes de identificar em sua vivência acadêmica, uma leitura de contexto coerente com os pressupostos cristãos.

Na edição nº41 da revista, uma matéria publicada com o título “*Eu cristão político*”, faz uma análise do cenário político brasileiro e das posturas dos jovens cristãos envolvidos com o sistema nacional. Além do mais, provém uma forte crítica ao processo de democratização e ao sistema educacional do país: “a democratização política não trouxe consigo a democratização do acesso à educação de qualidade”<sup>25</sup>. Este material, em sua íntegra, apresenta uma forte especulação sobre as razões de o governo brasileiro não investir em educação, com um aprofundamento e discussão teórica, dignas de nível superior, permitindo apontar que a coletividade jovem batista possuía em suas mãos um instrumento com condições de debater assuntos complexos em alto nível acadêmico.

Nesta mesma edição da revista, ainda em sentido de análise da educação, estampa-se uma matéria sugestiva intitulada: “Diretórios Acadêmicos: Em expansão, apesar de tudo!”<sup>26</sup>. Basta apontar a repressão enfrentada pelos alunos do diretório acadêmico da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para evidenciar a segunda parte do título. O “apesar de tudo!”, vem como uma tônica às perseguições e fechamentos de diversos clubes e diretórios estudantis por todo o país durante os anos anteriores, e para além, a discussão apresentada retoma um discurso missionário, soteriológico ao incentivo de trazer à juventude protestante o discurso da influencia.

Ao que concerne à educação, é possível verificar uma constante preocupação com a temática, haja vista as inúmeras publicações sobre o tema no periódico. Em uma chamada, se questiona: “Brasil: República da ignorância?”<sup>27</sup>, ao qual em algumas parcelas se é discutido o sistema educacional brasileiro, principalmente em nível superior. Apresenta como embasamento para a discussão, alguns indicadores da educação no país,

---

<sup>25</sup> JUMOC. *Campus*. Ano VII, Número 41. 2º Trimestre, 1992. p.06,08.

<sup>26</sup> Id.Ibid. p.04, 05.

<sup>27</sup> JUMOC. *Campus*. Ano VXIII, Número 50. 2º Trimestre, 1994. p.14,15.

como por exemplo, “cada cem alunos matriculados no primeiro grau, apenas seis chegam à universidade”<sup>28</sup>. Aqui novamente, o discurso está entrelaçado ao social, permitindo o perceber de que a saída para estas questões é o refletir sobre elas, sobretudo utilizando a ética e a moral cristã. A sistematização das práticas comportamentais, percorridas anteriormente, se revelam novamente a abordagem: o refletir leva o agir, e esta ação no social está imersa no religioso, no sagrado, na fé, no cristianismo de influencia social.

Este esquema revela uma normatização da vivência do jovem cristão, e, remete a pensar: o anseio de buscar com que os jovens tivessem uma conduta coerente e em conformidade com a visão eclesial da coletividade, atingiu e realterou de fato as práticas juvenis? O processo de formação de posturas dos jovens dentro das instituições superiores, as chamadas convidando-os a confrontar sua posição como cristão, a visão sagrada, em oposição ao homem profano, ou seja, o que não vive as relações de práticas sagradas para o grupo<sup>29</sup>, de fato encontraram habitações permanentes no ideário das juventudes? Afinal:

o universitário influenciará ou será influenciado pela universidade? Isso dependerá do universitário e do seu compromisso com Jesus Cristo. Um discípulo genuíno sempre faz a diferença. Um grupo de discípulos faz uma diferença ainda maior. É por esta razão que fundamos o Ministério Campus, para ajudar o universitário a crescer espiritualmente e influenciar o seu mundo para Cristo. Se nos vamos ganhar esta geração de universitários para Cristo, precisaremos de uma multidão de universitários seriamente comprometidos com Cristo e prontos para trabalhar. Você está pronto para assumir um compromisso assim?<sup>30</sup>

Isso tudo permite pensar no comprometimento, ou o desejo de comprometimento e de fazer-se comprometer, que os jovens eram orientados a ter com sua prática da vida cristã e a posição dentro dos campus acadêmicos deveriam refletir sua vida cristã. Volta-se a formulação de uma ação social e de uma alteração na forma de *ser* jovem. É percebido uma certa *tensão* entre a

---

<sup>28</sup> Idi.Ibid. p.14.

<sup>29</sup> Há uma relação divergente do *homo religiosus* e do *homo profanus*. A visão sagrada, como oposição direta ao profano, permite perceber através da manifestação do sagrado o ser no mundo, retratando o esforço do homem religioso para se manter em relação direta de proximidade com o universo sagrado e como suas experiências coadunam para a separação do homem profano. Ao homem religioso, o sagrado permite organizar uma forma distinta de se enxergar e ser no mundo. Ver: *ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>30</sup> Op.Cit. p. 27.

tomada de decisão, ou seja a prática religiosa, e a sociedade em que o discurso é chocado com o real. Retornando a Weber,

quanto mais sistemático-racional é o modo como este é moldado em um cosmos, sob aspectos religiosos, tanto mais fundamental pode tornar-se a tensão ética entre ele e as ordens intramundanas, e isto tanto mais quanto mais estas, por sua vez, são sistematizadas de acordo com suas legalidades intrínsecas.<sup>31</sup>

Neste escopo, ainda não é possível determinar de modo amplo e direto que as juventudes protestantes assumiram-se como parte destes discursos e tiveram em totalidade suas práticas redimensionadas. Esta definição se remonta primordialmente pelo fato de nesta análise documental ser compreendida de modo breve discursos institucionais, e não dos indivíduos em seu plano micro.

Entretanto, pode-se de fato compreender que as publicações voltadas aos jovens protestantes, como a revista *Campus* possuíam o interesse nítido de forjar nos sujeitos jovens um ideário coletivo, uma representação do real impregnado dos saberes e práticas da fé cristã. Ainda além, não somente tornou-se possível encaminhar um pensamento sobre esta construção, este *repensar*, mas também a construção de mudanças de sentidos, e estes sentidos, quando resignificados pelos contextos juvenis dos anos 1960/1980 no Brasil, permitem uma interessante construção historiográfica.

Por hora, limitemo-nos a compreender que o discurso ocorre e se forma em uma comunidade de sentido, que dá vazão de aceitação ou de renúncia, de outros tantos discursos, categoricamente elaborados. São estas condições que vão delimitar clareza, ou opacidade, e vão revelar as preposições de interesse de um dominante, ou aquele que pretende efetivar seu discurso, mediante uma coletividade. Nas palavras de Orlandi:

A evidência do sentido – a que faz que uma palavra designe alguma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seu sentido de formações discursivas em suas relações<sup>32</sup>.

Se as palavras recebem sentido em suas relações, as juventudes protestantes puderam realterar sua forma de percepção de realidade. Contudo,

---

<sup>31</sup> WEBER, Max. *Op.cit.* p.386.

<sup>32</sup> ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2013. p.46.

esta percepção não é autônoma, independente, isolada e centrada no indivíduo como grande parte dos jovens desejam cultivar. Há neste cenário um intenso e complexo sistema de formação de sentido, de alteração da ação social da juventude cristã, de uma tensão entre o crer e a prática e uma nítida atuação de agentes e agências no intento de reformular as práticas dos jovens protestantes em relação oposta as práticas de juventudes seculares.

## FONTES UTILIZADAS

BRASIL PRESBITERIANO. Órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil .Ano VIII, número 11, novembro de 1966.  
JUMOC. *Revista Mocidade Batista*. Ano 51, número 01. Primeiro Trimestre de 1969.  
JUMOC. *Revista Mocidade Batista*. Ano 51, número 02. Segundo Trimestre de 1969.  
JUMOC. *Revista Mocidade Batista*. Ano 58, número 01. Primeiro Trimestre de 1977.  
JUMOC. *Campus*. Ano VI, Número 40. 1992.  
JUMOC. *Campus*. Ano VII, Número 41. 2º Trimestre, 1992.  
JUMOC. *Campus*. Ano VXII, Número 46. 2º Trimestre, 1993  
JUMOC. *Campus*. Ano VXIII, Número 50. 2º Trimestre, 1994.  
JUMOC. *Campus*. Ano VXIII, Número 49. 1º Trimestre, 1994.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Othon. A. *Marcos Batistas Pioneiros*. Mesquita: Quintanilha, 2001.  
AMARAL, Othon. A; BARBOSA, Celso. A. *O livro de ouro da CBB*. Epopeia de fé, lutas e vitórias. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.  
BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. Tradução Helmuth Alfred Simon; Gerson Correia de Lacerda. São Paulo: ASTE, 1998.  
BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.  
DEL PRIORE, Mary. (Org.). *Documentos da História do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997.  
ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.  
EMILE, Léonard. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. Tradução do original por Linneu de Camargo Schützer. São Paulo: ASTE, 2002.  
FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2006.  
HAHN, Carl J. *História do Culto Protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1963.  
MENDONÇA, Antonio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990  
FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1992.  
FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Lisboa: Vozes, 1972.  
\_\_\_\_\_, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.  
LEVI, Giovanni. SCHMITT, Jean Claude. (Org.). *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.  
ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1993.  
\_\_\_\_\_, Eni. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2013.  
POERNER, Artur José. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.  
REIS, José Pereira. *História dos Batistas no Brasil: 1882-1982*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.  
SILVA, Helerson; MOURA, Enos; MORAES, Monica. *Faço parte desta história*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2002.  
WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 2004.